

Apoio



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Cultura

Realização



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação



Este livro integra a Coleção Juvenil MAIS PAIC MAIS LITERATURA, composta de crônicas, contos, novelas, romances, cordéis e poesias. Escrita e ilustrada por autores do Ceará, ela traz aventuras desafiadoras, existenciais, em cenários da cultura e da história local. Sua temática constitui estímulo a mais para se ler e dialogar nos Clubes de Leitura dos 8º e 9º anos das escolas públicas do Ceará.

Saiba mais: <http://www.paic.seduc.ce.gov.br>

ISBN 978-85-8171-233-8



9 788581 712338

VENDA PROIBIDA

Izabel Rosa Gurgel

Ilustrações Raisa Christina

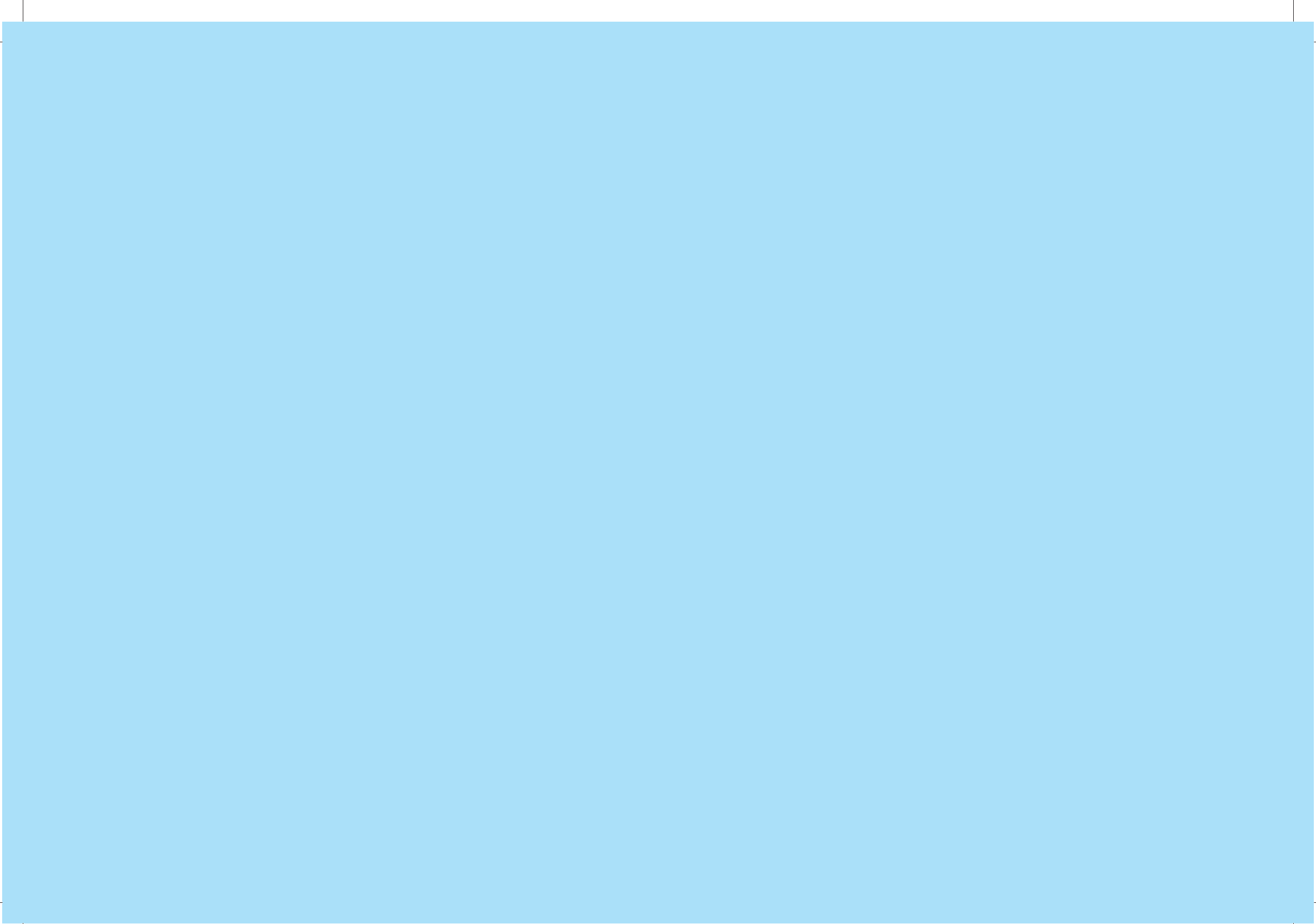


A primeira vez

Sete histórias de amor e morte



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação





Izabel Rosa Gurgel

Ilustrações Raisa Christina

A PRIMEIRA VEZ

Sete histórias de amor e morte



GOVERNO DO
ESTADO DO CEARÁ
Secretaria da Educação

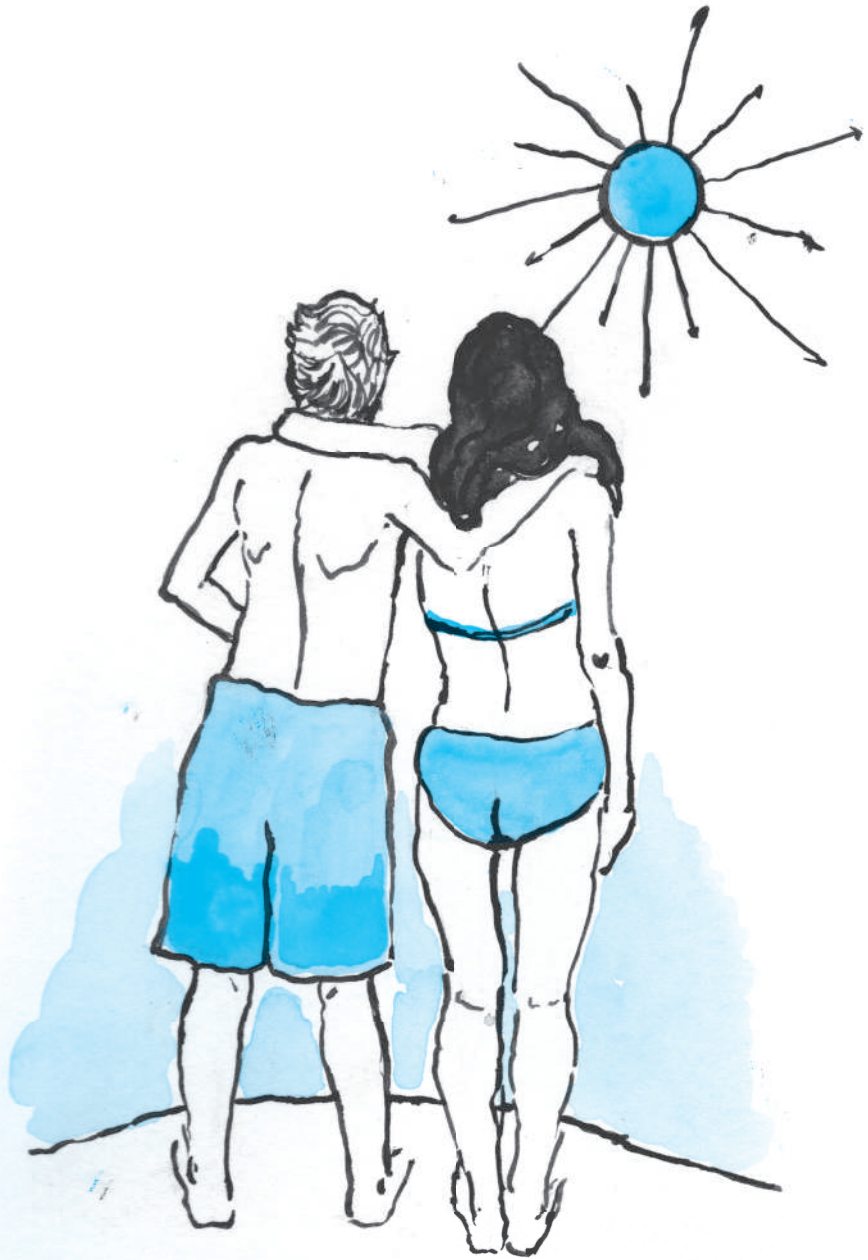
Fortaleza • Ceara

*De A a Z, para cada criatura leitora.
O ato de ler é uma escuta amorosa.
Nós, leitoras, leitores, somos do bloco
daqueles que zelam pela alegria do mundo.*

SUMÁRIO

coração DO Mar	9
PÉ DE jasmim dá Beijo	13
cor DO céu sem nuvem	23
O cara	31
como minha mãe Fazia BOLO	39
ESPERar dá agonia.....	45
PAPeL DE SEDA.....	55
NOTAS.....	65







01. CORAÇÃO DO MAR

Clara e Francisco viram o mar pela primeira vez, exatos sete dias, depois de completarem 12 anos. Praia do Futuro, Fortaleza, manhã.

— Segure na mão de Francisco, Clara – disse a mãe dela, antes de molhar os pés.

— Não tenham medo – disse a mãe dele – é grande, mas abraça a gente.

No meio do caminho para casa, tomariam um banho de água doce. Ligeiro. O gosto do sal mais tempo no corpo. Aquele mundo de água para sempre dentro dos olhos.

Parecia milagre de São Francisco de Assis. Vinham da romaria a Canindé¹, que o povo de São Pedro de Caririaçu fazia todo começo de ano. O caminho de volta para casa era descendo o Ceará, na direção do Sul, para entrar no Cariri à noite, dia de Reis², 6 de janeiro.

Por toda a vida, entre eles, Clara e Francisco honrariam o desafio de fazer algo que nunca haviam feito antes, a cada dia 6 de janeiro. Foi assim que decidiram seguir os passos do pai do Francisco e brincar no reisado do congo do Mestre Zé Matias. Já vivendo na rua de Todos os Santos, Juazeiro do Norte, pai dele agradecido por continuar morando tão perto do irmão gêmeo, o pai dela, Clara e Francisco escolheram um dia 6 para ela começar a brincar no guerreiro de Dona Margarida e ele no reisado do Mestre Tico. Anos depois, um 6 de janeiro foi a data escolhida para o casamento. No primeiro aniversário de casamento, amanheceram cedinho na rua de Santa Luzia. Compraram flores de papel na calçada e o dia foi para cuidar dos últimos preparativos da entronização do Sagrado Coração, noite com banda cabaçal na frente da casa. Tinham como certo que os filhos haviam sido feitos no sexto dia do ano. Primeiro o Baltazar. Três anos depois, os gêmeos Gaspar e Melchior. No dia 6 de janeiro, do ano em que completavam sete anos, os meninos brincavam pela primeira vez no reisado do Mestre Aldenir.

Naquele dia 6 de janeiro que Francisco não acordou, Clara chegou bem pertinho dele e ficou repetindo, devagarinho no pensamento, até ouvir o som das palavras e depois até não ouvir mais o som delas:

— Titico, assim não vale.

— ...

— Como é que você vai me contar como foi?

— ...

Clara lembrou de toda a água do mar que haviam guardado nos olhos, há mais de oitenta anos. Segurou na mão de Francisco. E mergulhou.





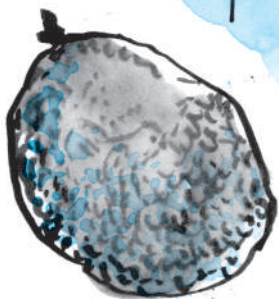
Escudido



Choro
Limão



Cafundó



02.

PÉ DE JASMIM DÁ BEIJO

Meu nome é João Batista dos Alves Neto, tenho 13 anos e moro na divisa do Cafundó com o Escondido. Desde pequeno, eu sonho com coisas que vão acontecer e elas acontecem. Eu também sonho outras coisas, como qualquer pessoa da minha idade que não tem sonhos mostrando o que vai acontecer. O sonho é uma história que a gente só entende quando conta.

Minha mãe só teve sonho assim uma vez. Ela sonhou que o Cafundó inteiro era só de pé de fruta e eles estavam todos carregados. Abacate, banana, caju, jaca, laranja, mamão e muitas outras frutas quando não era época do caju e não tinha mangueira nem pé de melancia no alto da serra. Minha mãe sonhava as árvores todas em três e na ordem das letras do alfabeto. Como pé de seriguela, tamarindo e uva, que ela só conhecia pelo nome. Só o limoeiro aparecia sozinho no sonho. Seis meses depois, nasceram

nove crianças em três casas, em cada casa uma penca de três. Antônia, João e Pedro lá em casa. Era o mês de junho. Dos nove nascidos, só eu sobrevivi.

Cresci ouvindo o povo do Cafundó e do Escondido contar o acontecido e, apontando para eu dizer:

— Só ficou ele para contar a história.

Se eu não estivesse presente na hora que estavam contando, diziam:

— Só ficou João Batista, o Neto, para contar a história.

De tanto ouvir isso, vivo contando histórias dentro da minha cabeça. Sou calado. Acho bom. Acabei gostando. Escuto. Você que não conhece o Cafundó nem o Escondido não vai acreditar, mas eu sei qual é o barulho que o vento faz quando é vento de chuva e passa pela brecha da porta ou vem pelas telhas. Ciciando feito cobra, como diz meu pai. Escuto pé de gente subindo a serra, um bom tempo, antes da pessoa chegar. Eu gosto de prestar atenção. Sabe qual é o som de peixe dando rabada dentro do rio? Faz um barulho bonito na água, mas depende do peixe. E da hora do dia.

Aqui, no Cafundó, a gente dorme cedo e acorda cedo. A luz³ é a luz do sol. Eu acordo antes do sol. Quando saio de casa para ir à escola, o dia está se levantando e já me pega perto do pé de jasmim, uma árvore bem grande no terreiro de casa.

É debaixo do jasmineiro que o Coió me espera, no maior silêncio, quando ele resolve aparecer. Era o cachorro do meu avô João Batista, que morreu quando eu tinha seis anos. O Coió tinha mais de 15 quando meu avô morreu.

A minha primeira lembrança, a mais antiga, é do meu avô João Batista debaixo do pé de jasmim, três dias antes dele morrer, falando comigo e com o Coió:

— O Coió vai ficar com você. E você vai ficar com os sonhos. Foi o que disse meu avô, naquele jeito de sonho, que a pessoa não fala, mas diz.

A parte do Coió, eu entendi mais ou menos toda na hora. A parte do sonho demorou mais. Cada vez que eu sonho e acordo, vou contando a história do sonho na minha cabeça. Depois acontece o que eu sonhei e eu vou entendendo o que o meu avô me disse, naquele dia, debaixo do pé de jasmim, três



dias antes de morrer. “A idade de 15 anos é muita para um cachorro”. Coió ainda durou mais três anos. Minha mãe dizia:

— Coió já está com a morte dentro dele.

Enterramos o Coió perto do córrego. Tudo perto d’água é feliz⁴. Coió vive no céu dos cachorros. A professora falou de um livro que a gente vai ler, no próximo ano, e que tem um céu para os cachorros. O nome do livro é “Vidas Secas”⁵. O cachorro que vai para o céu se chama Baleia. Eu não sei se alguém sonha com a morte da Baleia e ela morre.

Um dia, eu com 9 anos, acordei e corri para ver o Coió, que resolve aparecer às vezes e me espera ali no jasmineiro. Corri e o Coió estava lá. Fiquei besta foi de ver o pé de jasmim no normal dele, carregado de flor, o tronco firme e a galhada balançando quando o vento dava.

Contei para o Coió que, no sonho, eu vi a vó Filó como se ela e o pé de jasmim fossem uma coisa só. Aí, no sonho, ia chegando todo o pessoal que mora no Cafundó e no Escondido. Vinham dos dois lados. Como eu já falei, nossa casa fica na divisa dos

dois. No sonho, eu não ouvia, mas eu sabia que vó Filó estava contando as histórias dos dois lugares, os únicos que ela conheceu na vida. O pessoal ali escutando. Quando dava vontade de rir, todo mundo ria. Teve uma hora que a vó Filó chorou.

Eu não sei o que foi que ela falou, na hora, que todos os velhos riram de um jeito que eles ficaram parecendo, no sonho, um bando de menino e menina na hora do recreio. Foi rápido. Em sonho é assim rápido, uma coisa vai passando para outra, e, às vezes, a pessoa entende melhor quando conta. Deu um vento, lá no sonho, e todo mundo fez algum gesto assim como quem vai segurar o cabelo, ou a saia, ou puxar o filho para perto, ou segurar o chapéu bem forte e bater de leve o chapéu na perna para ter certeza que ele, chapéu, não foi com o vento.

Depois do vento, eu contei sete homens pegando o tronco deitado, com muito cuidado, como quem desce a serra levando o doente na rede. Os sete homens pegaram o tronco. E as mulheres e as crianças foram juntando os jasmims que caíam. Saiu todo mundo como quem vai dar a volta na casa para descer a serra no rumo do Choró. Os nove homens

levando o jasmim deitado. As mulheres e as crianças atrás, juntando as flores. Foi aí que eu vi meu avô João Batista no sonho, chegando com uns galhos secos na mão. Ele começou a limpar o terreiro com os galhos, foi varrendo. O terreiro ficou bem limpinho. No sonho, eu olhava e dizia:

— Olhe, Coió. Olhe, Coió.

Coió não latiu de jeito nenhum no sonho. Quando deu outro vento, o vento era de chuva. A chuva era para aguar o terreiro que meu avô limpou. Meu avô olhou para mim e levantou o dedo como quem diz “Um” e vai começar a explicar alguma coisa. Eu acordei falando:

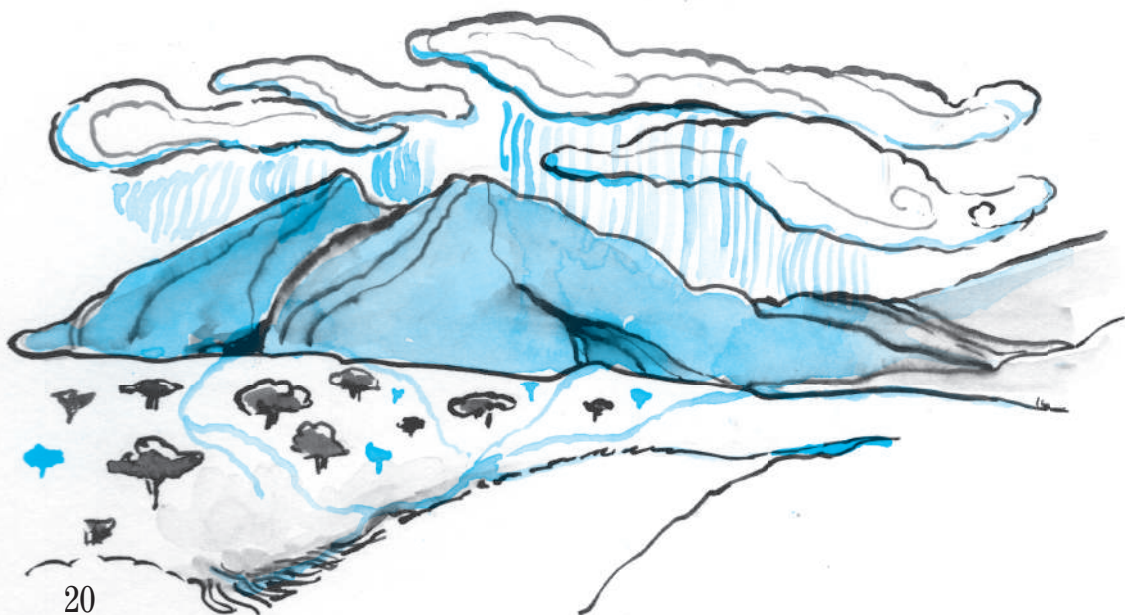
— Diga, vô.

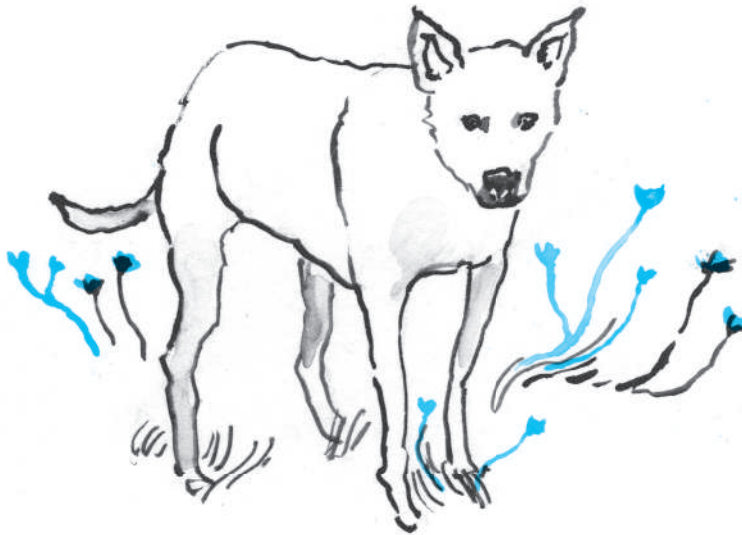
Três dias depois, enterramos a vó. A rede na cova, a vó coberta de jasmim. A rede assim fechada, como a gente fecha em noite de chuva para diminuir o frio. Jasmim por cima, misturado com a areia. A chuva pegou a gente no caminho de volta. Bem fininha. O vô não apareceu, nem o Coió.

— Ela foi dormir e quando acordou estava morta – eu disse. E o pessoal riu na primeira vez que

contei o enterro da avó na escola. Foi a primeira vez que eu contei uma história sem ser só dentro da minha cabeça. Era a primeira vez que eu faltava três dias de aula. O dia em que a vó morreu mais os dois dias depois do enterro. Caiu um aguaceiro e não tinha como descer a serra.

Foi a primeira vez que contei o que sonhei e aconteceu para alguém que não era minha mãe. Essa parte eu só contei para a A..., que veio com a





família de uma cidade chamada Granja para morar no Choró. Ela estuda na mesma escola que eu. Eu disse a ela que trocaria um segredo por um beijo. E fechei os olhos. Na verdade, contar eu não contei. Isso já é o sonho que eu sonhei hoje, cochilando depois do almoço de domingo, que é o dia mais comprido aqui na serra. Não sei ainda, mas acho que esse sonho, eu não vou contar aqui em casa. Tomara que chegue logo amanhã.



03.

COR DO CÉU SEM NUVEM

Aquele não foi o primeiro velório da vida. Não foi o primeiro enterro. Era a primeira vez de outra coisa. Foi a primeira vez nos 12 anos de vida da Ana Áurea que ela carregou um caixão de anjo com um anjinho dentro.

Caixão de anjo é caixão-de-defunto para criança. Morreu criança, vira anjo. Anjinho é um jeito de falar que Áurea pensava que era só da localidade chamada Alegria, Ipu, onde ela mora. Uma criança que morre é anjo, anjinho.

O caixão de anjo é azul da cor do céu, bem azul em dia de sol. Tipo azul do céu de Quiterianópolis, Quixadá, Quixelô, Quixeramobim, Quixeré.

(Podia dizer Kyoto, lá no Japão, na Ásia, que tem o mesmo som da primeira sílaba das cidades do sertão do Ceará. Mas não se escreve com Qui. Aí eu acho que não fica bonito. Kilimanjaro, lá na África,

também não. E Giqui não pode, porque o som igual está no fim e não no começo da palavra. E só o que finda aqui é o anjinho.)

Céu bem azul em dia de sol, tipo azul do céu da praia da Quixaba. Um céu tão bonito que dói na alma. Dor na alma, a gente sente no corpo todo, dos pés à cabeça. Mas a gente diz na alma, porque é assim uma dor mais importante. Uma dor que chega tão rápido na gente toda que parece que sempre esteve lá e vai ficar para sempre. Mas não fica. A dor passa. Como a gente.

E pela primeira vez na vida, três dias depois de completar 12 anos, Ana Áurea ia segurando uma das asas do caixão-de-anjo. Quer dizer, alça do caixão. Confundo os nomes. Mas podia ser asa mesmo. Para voar. Mas não voa. O caixão vai é se balançando entre as quatro mãos de quem vai ali, segurando. É para ir andando devagar, devagar, como quem leva aliança de casamento e entra, na igreja, tão devagar que a gente pensa que a pessoa não quer chegar.

O caixão tem quatro alças e quatro pessoas levam o caixão no meio da rua, duas de cada lado, e

um bloco de gente ao redor. É como um bloco de carnaval. Mas depois que terminou o carnaval e está todo mundo cansado, voltando para casa e sabendo que depois de quatro dias de brincadeira, amanhã tem que acordar cedo e ir para a aula. Um bloco de gente calada ao redor. Quando conversa, é uma conversa para dentro. É como se começasse a chover de uma hora para outra e todo mundo tentasse ficar junto, debaixo do mesmo guarda-chuva para não se molhar. Tem mais gente e mais chuva do que guarda-chuva. Não tem jeito. A água respinga em todo mundo.

Antes de juntar todo mundo debaixo do guarda-chuva imaginário, quando cada um vai saindo da casa ou está esperando na rua, do outro lado da calçada, nessa hora cada um vai pensando com seus botões. E mesmo quando fala com alguém do lado, é uma conversa para dentro.

Parece que o céu sabe o que está acontecendo e ele desce um pouco. Às vezes o céu desce muito. Se não tiver muita gente alta por perto, o céu desce tanto que fica quase pousando na cabeça da gente.

Acho que é por isso que a gente acha que o mundo fica menor quando morre alguém que a gente gosta. Pelo fato de o céu baixar.

O céu também pode subir, ir para muito longe. Parece o céu concordando com a gente, o céu não querendo saber que a morte passou por ali. O céu vai ficando longe. O céu se ausenta, fazendo de conta que não é com ele.

— Quero nem ver, é o que o céu ia falar, nessa hora, se o céu falasse.

O mundo fica maior, mas não fica mais fácil andar nele. Tem horas que o mundo está tão grande que a gente tem que chamar de vasto. De vasto vem vastidão. Na vastidão, às vezes a gente fica tão pequeno que tem que dizer miúdo. Como não cabe o medo na gente quando a gente é miúdo demais, o medo fica também dos lados, acima e abaixo da gente. Dou um exemplo: aprendi a nadar em água corrente e funda, a água passando ligeiro, porque meu medo era tão grande que precisava ter correnteza para levar o medo para bem longe.



Voltando ali para o céu, querendo fazer de conta que não é com ele. O céu vai embora céu acima, o mundo fica maior, a gente menor e o medo aproveitou todos os espaços e não para de crescer, feito massa de bolo. Por isso não há descanso no medo. Feito massa de bolo, o medo cresce no descanso. Massa de pão também.

Ana Áurea não sabe como cansou tanto naquela tarde. Como podia pesar tanto um caixão pixototinho. Pixototinho é uma coisa tão pequena que não serve dizer pequeno. Nem cabe. Precisa inventar outra palavra para dizer o tamanho. Como podia pesar tanto um caixão tão pixototinho, com um anjinho tão leve?

O ar também fica mais pesado. Dá uma pena. Pena é aquela coisinha leve que a gente sopra e ela vai quase não indo, mas vai, vai, vai. E quando você sente pena de alguém, pena é também uma coisa muito pesada. Mas a pena mais pesada é a pena que a gente pode sentir da gente. Eu com pena de mim, você com pena de você. É assim uma longa conversa para dentro, você com seus botões, você sem fora de si. Será que é por isso que pena voa?

Enterro de anjinho é igual a enterro de gente grande: tem cova, tem coveiro que cavou a cova, tem flor e tem reza, tem choro; tem um silêncio tão silencioso que parece que o mundo inteiro foi passar o final de semana em outro lugar. E todo mundo fica assim andando mais devagar. A gente gasta horas para piscar. Um tão lento que o mundo parece desenho no ar. O anjinho ia ser e não foi.

Ana Áurea achou difícil carregar o caixão com o anjinho dentro. Mas a pena maior, a gente imagina, deve ter sido a volta. Sem nada nas mãos.



04. O cara

Começo logo dizendo meu nome completo que é para você saber que estou falando a verdade. Meu nome é Luis Ângelo Genoio das Candeias. Tenho 14 anos. Quer dizer, fiz 12 em janeiro do ano passado e antes do final do mês faço 13, então já me considero dentro dos 14.

Todo mundo por aqui diz que eu sou muito danado. É e não é verdade. Eu sou danado para umas coisas. Para outras, eu sou um abestado. Tenho um medo que eu não sei nem como explicar. Tenho medo da morte. E também tenho medo de não encontrar quem queira namorar comigo. Eu não tenho medo da morte. Eu tenho é pânico. Pânico é um medo tão grande que tem que mudar de nome. A gente sabe que a gente morre. A gente sabe disso o tempo inteiro. Aí a gente faz de conta que não sabe o tempo inteiro não. Que só sabe de vez em quando.

Mas ela, a morte, fica o tempo todo passeando por onde tem coisa viva. Encontrando ou não alguém que queira namorar com a gente, a gente morre.

Desde que me entendo por gente, escuto histórias de morte. Quando não estou dentro delas. É que a minha mãe cuida do cemitério de criança que existe nos fundos da Igreja de Nossa Senhora das Candeias.

Minha mãe acorda bem cedo, vai para a academia e vem em casa para a gente tomar café e me levar com ela na moto para a escola. Quem faz o café é meu pai. Ele trabalha na padaria. Vai de madrugada e eu nunca vejo quando ele sai, mas já estou com fome quando ele chega com o pão bem quentinho. Depois da gente tomar café os três juntos, meu pai volta para a padaria. Depois de me deixar na escola, minha mãe vai para o cemitério trabalhar.

Onde você mora tem cemitério de criança? Aqui tem, mas tem lugar que não tem.

É bem pequenininho o cemitério. Pequenininho se comparado com o outro, o grande. O cemitério é um jardim. Se você olhar do portão, que fica quase em frente à minha casa, você vai ver um jardim. Já

contei lá mais de quinze tipos de flor. Minha mãe é a jardineira mais bonita que eu conheço. O cemitério é um brinco. Eu tenho orgulho do trabalho da minha mãe. O pessoal diz assim quando vem aqui em casa:

— A casa é um brinco.

E elogia minha mãe:

— Você é muito caprichosa.

Quando eu digo que minha mãe trabalha no cemitério, a maioria das pessoas faz uma cara que eu não sei nem como explicar. Só uma vez eu disse que minha mãe trabalhava no cemitério e ninguém fez aquela cara que eu não sei explicar.

Era uma reunião do pessoal que trabalha em cemitério aqui na região. Minha mãe é tão nova que não parece minha mãe. O pessoal que estava na reunião pensou que eu era irmão dela. Tinha gente de fora. Foi quando eu conheci dona Raimunda Félix. Ela, sendo a mais velha, e minha mãe, sendo a mais nova das mulheres presentes, umas quatro. Deve ter muito mais, mas na reunião eram só elas. Uma pessoa que encontra minha mãe andando na rua pode pensar que ela trabalha em tanta coisa. E ela é bem

na dela, diferente da dona Raimunda, que fala pelos cotovelos, como dizia minha finada bisavó, e só falta matar a gente de rir.

Dona Raimunda mais Seu Tapadim e Zé Tatu, que são coveiros, já viram e ouviram cada coisa. Não estou falando de assombração. Isso aí também, mas Dona Raimunda falou que a coisa mais assombrosa do mundo é a gente, os vivos.

— Um dia você vai entender isso melhor, Genoino – ela disse.

Dona Raimunda parece que bebeu água de chocalho, mas para trabalhar é muito no calado, que é o melhor. Foi o que ela falou. Dona Raimunda disse que desde que ela se entende por gente, vive pelo cemitério. Lá na cidade dela, um nome grande que eu não vou me lembrar agora, depois eu pergunto à mãe, a calçada do cemitério é a maior da cidade e ainda tem o descampado em frente. Então as crianças brincam lá. Engraçado, não é, você conhecer uma pessoa assim como a dona Raimunda e imaginar que ela foi criança, que ela teve 12 anos como eu? Como eu tive, porque estou dentro dos 14.

Ela, dona Raimunda, tinha de 7 para 8 quando o avô dela plantou os pés de papoula do pé do muro, por dentro e por fora, um amarelo e um vermelho, um amarelo e um vermelho. Ela tem o maior orgulho quando o pessoal vai fazer foto no muro do cemitério, a paisagem de flor mais bonita que tem lá (tenho que perguntar à mãe como é o nome da cidade). Vem gente dos lugarejos, até de outras cidades, para fazer foto. O avô dela era o jardineiro, o zelador, guardava as chaves, arrumava tudo, juntando ali as economias para pintar o muro, por dentro e por fora, sempre na última semana de outubro. Quando ele começou a ficar doente, dona Raimunda tinha já uns 12 anos e ia para a escola à tarde. Passava a manhã com ele no cemitério, ajudava no que podia, com mais jeito para as plantas. Era no tempo do seu Manoel Tapado, pai do Tapadim. Fazer jardim deve ser fácil em canto que tem fartura de água. Minha mãe e dona Raimunda são umas danadas.

Tem umas histórias que ela contou que eu não sei nem como começar. Tem uma de um senhor muito velho que explodiu depois de morto. Eu ouvi e pensei: talvez seja melhor do que explodir vivo. Pensei,

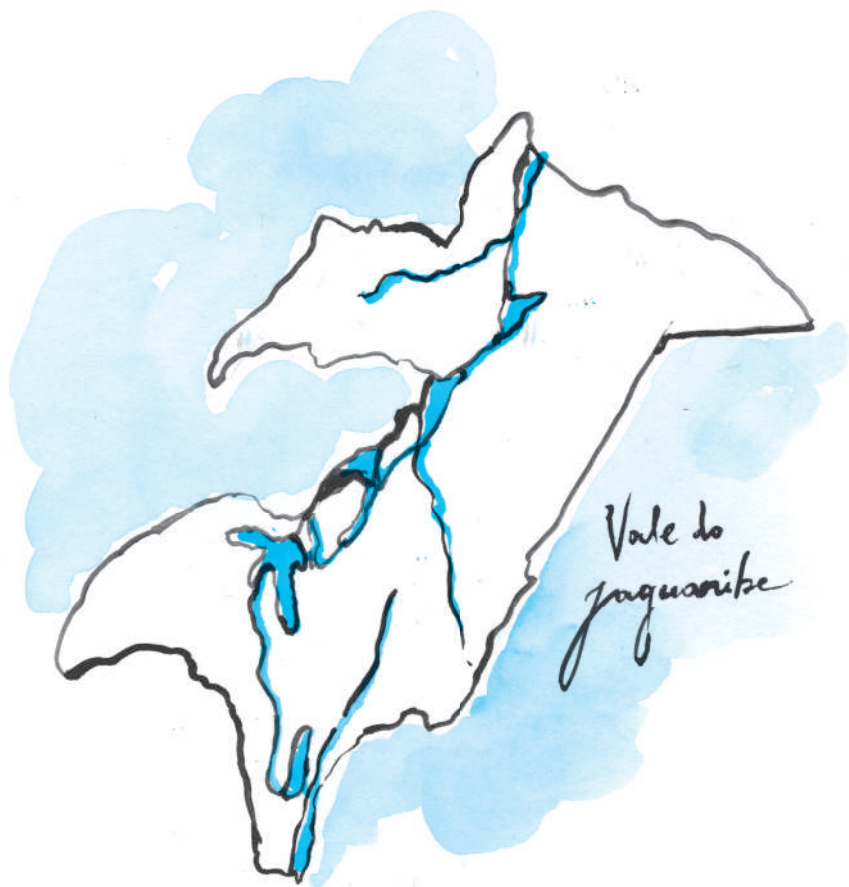
mas não falei, seguindo dona Raimunda no calado.

Ela também contou a história do primeiro morto lá da cidade dela que foi todo preparado em Fortaleza. Era uma mulher. A morta chegou maquiada e de unhas feitas. Hoje já tem mais gente que se enterra maquiada, mas naquele tempo... Dona Raimunda disse que foi o maior sururu na cidade. Ela falando, lembra muito minha bisavó. Dona Raimunda contou muita história do tempo em que ela era mocinha e estudava em colégio interno em Limoeiro do Norte. Fiquei tentando imaginar minha bisavó mocinha. Difícil. Você consegue imaginar o pessoal velho sendo criança, ou com 14 anos, doido para namorar?

Dona Raimunda contou também que tem uma cidade no Ceará onde a festa das almas⁶ é o maior acontecimento do lugar. É festa, festa mesmo. Eu nem consigo imaginar o tanto de gente que deve ter começado a namorar na festa das almas. O nome da cidade é Ocara. Um nome que eu nunca vou esquecer.

Também não vou esquecer a cara da dona Raimunda contando do dia mais triste da vida dela. Foi o dia em que ela enterrou um filho. Com 18 anos,

ele foi embora para São Paulo e voltou doente, cinco anos depois. Ela disse que foi a única vez que se esqueceu de fechar a porta do cemitério. Se não fosse pela ruma de chave, balançando no cóis da saia, e Tapadim chamar a atenção dela, dona Raimunda nem teria notado. A pessoa é danada para umas coisas, mas não é danada para tudo. Não tem quem seja.



Vale do
Jaguaribe

05.

como minha mãe fazia BOLO

Era sempre à tarde. Só me lembro de ter visto minha mãe fazer bolo à tarde, depois do almoço. Eu ficava de pé em uma cadeira, ao pé da mesa, pouco a pouco me derramando sobre a mesa, para ver melhor, para ver como fazia, comendo com os olhos. Miúda, acabava por me sentar na mesa.

Sobre a mesa, os ingredientes. Mais xícaras, copos e colheres para medir os ingredientes; o batedor de ovos, mais duas tigelas de louça, uma branca maior, a da massa; uma amarela menor, amarela por fora, por dentro era branca também, para as claras em neve.

A coisa mais difícil de aprender, para mim, foi fazer claras em neve. Pior do que raiz quadrada. Eu tinha 14 anos na primeira vez que eu bati as claras até elas ficarem bem firmes e a gente virar a tigela e as claras não se derramarem. Igual como minha mãe faz. Só que ela faz isso e continua a fazer outras

coisas. Eu, naquele dia da minha primeira tigela de claras em neve, não fiz mais nada. Morta.

Uso as tigelas até hoje. Eram da avó Rosa. Foram da casa que se esvaziou com a morte da avó, um ano antes da morte do avô.

Meu avô morreu assim. Ele foi deixando de comer, cortando aos poucos as refeições. Primeiro, deixou de tomar o leite antes de dormir. Em seguida, foi deixando de jantar. Depois, cortou a merenda da tarde. Isso foi antes de começar a comer quase nada no almoço. Não quis mais a merenda do meio da manhã. E ficou só com meio copo de café no café da manhã.

Nos últimos dias da vida do meu avô, ele tomava, em colheres de sobremesa, suco de uva diluído em água, chá de casca de laranja, chá de cidreira e de capim santo. Depois vieram as colheres menores, muito pequenas, do tamanho daquelas que a gente usava quando brincava de casinha. Já bem perto do fim, meu avô só tomava água. E era uma breve passagem pelos lábios. Água que as tias colocavam em algodão. Revezavam-se, dia e noite. Um cuidado. Era bonito de ver o cuidado, mas doía também. Tudo junto. Eu

tinha doze anos. Um dia, eu molhei o algodão e passei nos lábios do meu avô. Naquela hora, passou como um filme da minha vida com ele. As águas dos meus olhos molharam as mãos do meu avô, quando eu peguei nelas para beijar. Sem ninguém por perto.

A boca foi o último lugar úmido do corpo do meu avô. Ele havia deixado de chorar de saudade da minha avó. Ou chorava sem lágrimas. Ele também não suava mais. Parecia que ele desligava poro por poro. A respiração dele foi ficando tão lenta, que eu cheguei a ver as tias com um espelho perto do nariz dele. Até hoje não me importo com espelho embaçado. Estranho, não é? Mas naquela hora, com meu avô, era um alívio.

Eu conheci o silêncio aí. Eu ia e voltava da escola ausente da zoada das ruas. Era como se o mundo estivesse longe.

O avô cego que conhecia a cidade de cor e saltado, com quem eu aprendi a andar para cima e para baixo e saber o nome das pessoas e a falar com elas, aquele meu avô foi desaparecendo, como foi encolhendo o Rio Angelim⁷ com tanta coisa nova que se construiu ali na grota.

A Rosa morreu no carnaval e Seu João começou a murchar. Minha avó morreu em casa, com os dez filhos presentes e nós, os netos, por perto. É difícil ver morrer uma pessoa de quem a gente gosta.

Um ano depois da morte da avó, meu avô passeador não saia mais de casa, não tinha alegria de cumprimentar nem a gente. Abria o olho quando eu tomava a bênção. Eu podia jurar que ele estava me vendo.

As tias queriam ver o avô voltar a comer, a conversar, a passear. Eu também. Ele só queria encontrar a Rosa dele de novo. Como minha mãe já sabia o que podia ir junto no bolo, sempre imaginei meu avô junto com minha avó. Talvez pela foto do álbum, que está sumindo devagar, como o rio, como a névoa que fez desaparecer os olhos do meu avô.

Depois da morte da avó, o gato preto que ela criava, o Preto, jamais voltou a entrar na casa. Pisava o muro do quintal e olhava para o abacateiro plantado por ela. O abacateiro murchou junto com o avô. Ao contrário do meu avô, anos depois o abacateiro voltou a florescer, minha mãe aguando todo dia bem cedo. Meu pai,

à tarde. Eles haviam comprado a casa dos meus avós, pais da minha mãe. Meu pai era de fora da cidade. Vinha de Alto Santo, região do rio Jaguaribe. Era para Alto Santo que eu queria ir todas as férias desde que me apaixonei pela primeira vez. Foi um susto quando o Jorge entrou na cozinha da casa da minha outra avó, sem avisar, e eu batia os ovos do bolo. Ficamos as duas em suspensão, as claras e eu.

...

Era assim que minha mãe fazia bolo. Misturava, batia e assava em fogo lento. Era para comer com café forte e quente. Às vezes, tão quente que tirava a pele do céu da boca. A gente passava a língua para aliviar. Mas às vezes não aliviava.



06. ESPERAR DÁ agonia

Pedro tinha 14 anos e o medo dele morrer, antes da hora, era dez vezes maior. Queria uma vida longa igual à da dona Expectação, sua bisavó. Queria viajar, conhecer outros lugares como o seu tio Venício, marinheiro.

Quando soube da morte de um noivo na igreja, o coração do Pedro disparou.

Pedro Ilídio, um rapaz de 25 anos, morreu no altar esperando a noiva. Às 11h, hora marcada para o casamento, há muito já estava esperando a noiva. Às 11h16, viu a noiva chegar e se dirigir ao patamar da igreja. Ele viu a noiva de uma distância que lhe pareceu maior do que a distância entre o Cedro, terra da noiva, e a praia da Tatajuba, de onde ele vinha, dunas e dunas depois da Gijoca. Às 11h20 ela estava à porta da igreja e começou a andar olhando para ele. Às 11h30, noivo mor-

to, a igreja virou um alvoroço. Vestido da noiva ficou encarnado. Ela abraçada com o noivo. Ele sem uma gota de sangue.

Correu a notícia na cidade.

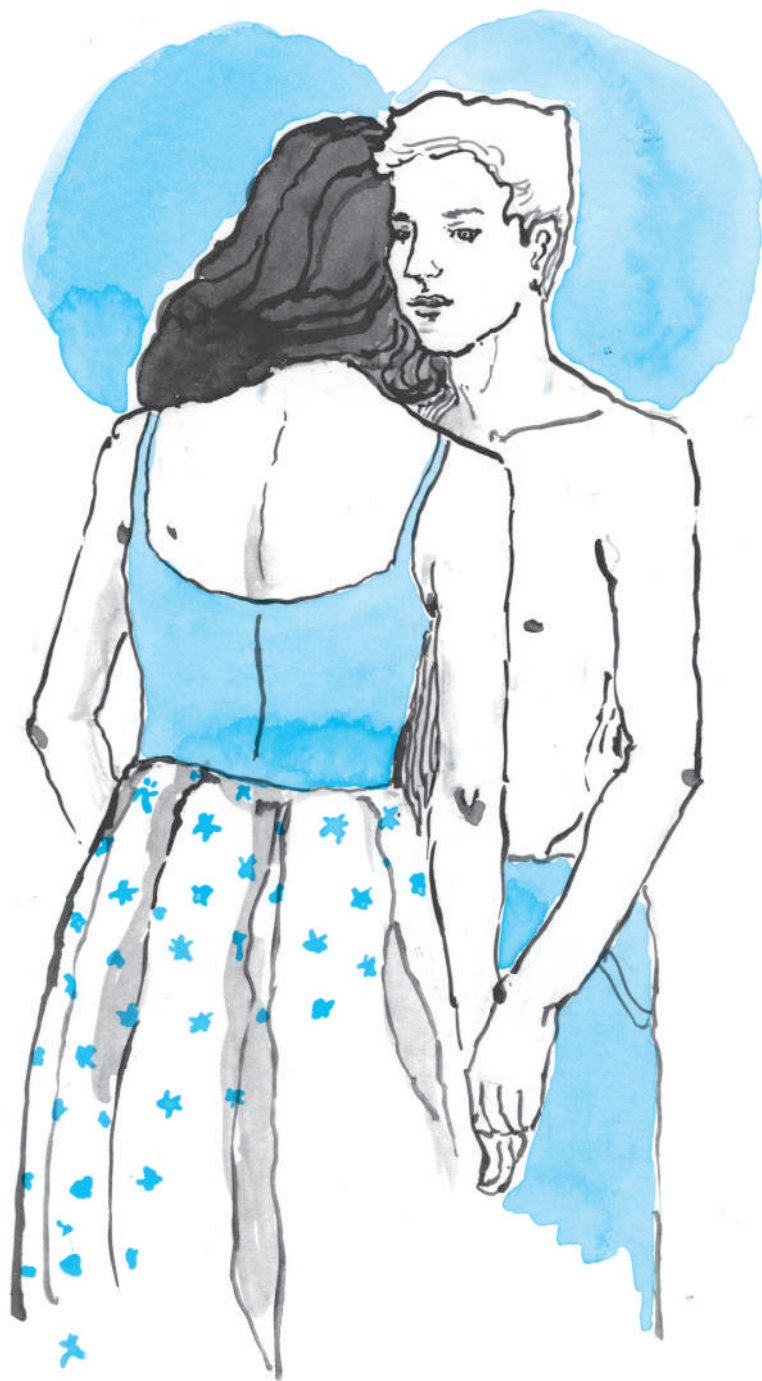
— A noiva ia tão devagar que ele deve ter se agoniado, o coração saindo pela boca, imaginando que ela não queria chegar.

— Também, onde já se viu, casar bem dizer no pino do meio-dia. Novembro até na beira do açude é a gente estuporando.

Antes de o corpo chegar ao cemitério, a notícia chegou pelo rádio em tudo que é canto da cidade: Noivo acaba de morrer na igreja, esperando a noiva.

Pedro ouviu de olhos arregalados. Estava apaixonado de novo e pela primeira vez era correspondido. Vivia com o coração em agonia esperando o sábado para ir ao Cascudo, onde morava a namorada, e se pelava de medo de morrer. Ainda mais assim. Pei-bufo. Não foi assim que o pai dele morreu?

— Ô bicho para sofrer é gente. De todo jeito se sofre, ouviu alguém dizer.



— Não vá ver para não se impressionar e ficar sem dormir, decretou a mãe do Pedro. Decretar é dizer um dizer que não é para discutir, só obedecer.

Antes da mãe terminar a frase, Pedro já estava no necrotério.

Necrotério é uma boa palavra para procurar no dicionário. Não precisa procurar agora. Você marca a palavra e procura depois. Pedro já está no necrotério mesmo. Se ele não chegasse ao necrotério porque não sabia o que era, aí sim você parava de ler agora e corria para o dicionário para dizer o que era necrotério. Para evitar do Pedro ir parar em outro lugar e não se saber mais como contar a história do rapaz que começa morto e vai passar a história todo morto.

Essa não é como a história do Quincas. Você já leu “A morte e a morte de Quincas Berro D’Água”⁸, livro do Jorge Amado? O Quincas morre e os amigos vão deixando o Quincas muito vivo, vão levando o Quincas para uma última rodada de festa e farra. O nosso rapaz aqui, o rapaz de 25 anos, está morto. Esperou 11 anos para casar. E não houve festa. A noiva tinha 12 quando começou o namoro no carro

da feira que ele pegava todo sábado com a família para visitar a avó. Com a morte do pai, pescador, vieram morar perto da família da mãe.

Pedro, de 14, está muito vivo. O olho ainda arregalado, olhando o rapaz morto.

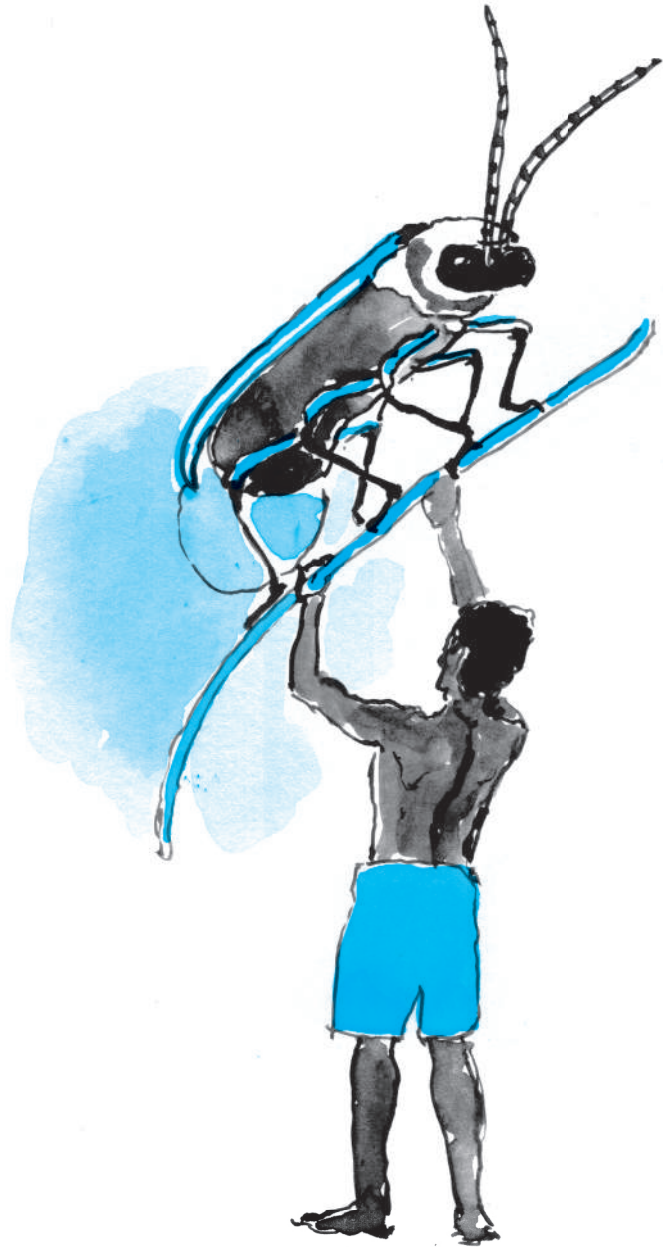
— Tamanha boniteza para terminar assim – ouviu alguém comentar.

Pedro, o vivo, de olhos ainda arregalados, olhando o Pedro morto sobre a pedra branca.

Pedro sentiu que seu pensamento parava de pensar.

Era o rapaz branco, a pedra branca e ele lívido. Lívido é um branco que você lava várias vezes, bem rápido, e fica tão branco em um instante que é quase um desaparecer. Se você ficar lívida ou lívido, vai se sentir assim em um instante: como se estivesse sumindo.

Antes da mãe terminar a frase “Não vá ver para não se impressionar”, Pedro já estava correndo rumo ao cemitério, de olhos arregalados que não paravam de se expandir. Expandir é um crescer muito grande. É tão grande que a gente chamar ex-pan-dir. Uma



gota d'água, um fio de água, um córrego, um riacho, um rio, um mar, oceanos. Uma matéria líquida.

Pedro feito um vento, no silêncio grande que cobria a cidade depois do alvoroço da notícia e onde ele, Pedro, cabia mais de mil vezes. Olhando com os olhos expandidos. Líquidos. Virando uma matéria líquida. Durou uns sessenta e sete anos, que era o tempo maior que Pedro conhecia. Era a idade do avô dele. Uns sessenta e sete anos passaram assim como um vaga-lume. Vaga-lume aceso, Pedro está em casa e escuta a notícia. Vaga-lume apagado, Pedro já foi ao cemitério, já viu o que não era para ver e já está de volta à casa dele, à mesa do almoço. Um vaga-lume tão lume que ele viu o vaga-lume ao meio-dia do dia em que aprendeu que o tempo tem cor. E era lívida a cor do tempo.

O que Pedro vivia era uma história em quadrinhos de várias páginas, com todos os quadrinhos em um só quadro. O rapaz na pedra branca, o bloco de gente ao redor, indo e vindo, Deus e o mundo querendo ver o noivo que morreu no altar esperando a noiva. Tudo misturado no mesmo quadrinho. A mesa em casa com o almoço servido. Pedro, os

dois irmãos de 12 e 10 anos, a mãe, a cadeira vazia do pai. Pedro e seus olhos arregalados e cansados. Estava tão cansado.

Por isso era uma história em quadrinhos de várias páginas em um só quadro: com os olhos tão grandes, Pedro via tudo de uma vez. Era como um filme com muita pressa. A notícia correndo na rua, o alvoroço na igreja, Deus e o mundo querendo ver o noivo que morreu esperando a noiva no altar, depois o grande silêncio, o céu baixando, o céu se ausentando. O silêncio agora tomava a história inteira.

— Pare de pensar besteira, meu filho – disse a mãe.

Pedro comeu um prato de coração de boi. Comeu com os olhos arregalados que ele não conseguia mais fazer voltar ao normal. Comeu fazendo de conta que não estava, ele próprio, Pedro, diminuindo, diminuindo, diminuindo. Era domingo e teria que esperar até o dia seguinte para ver a namorada na escola. Esperar dava uma agonia no coração dele.

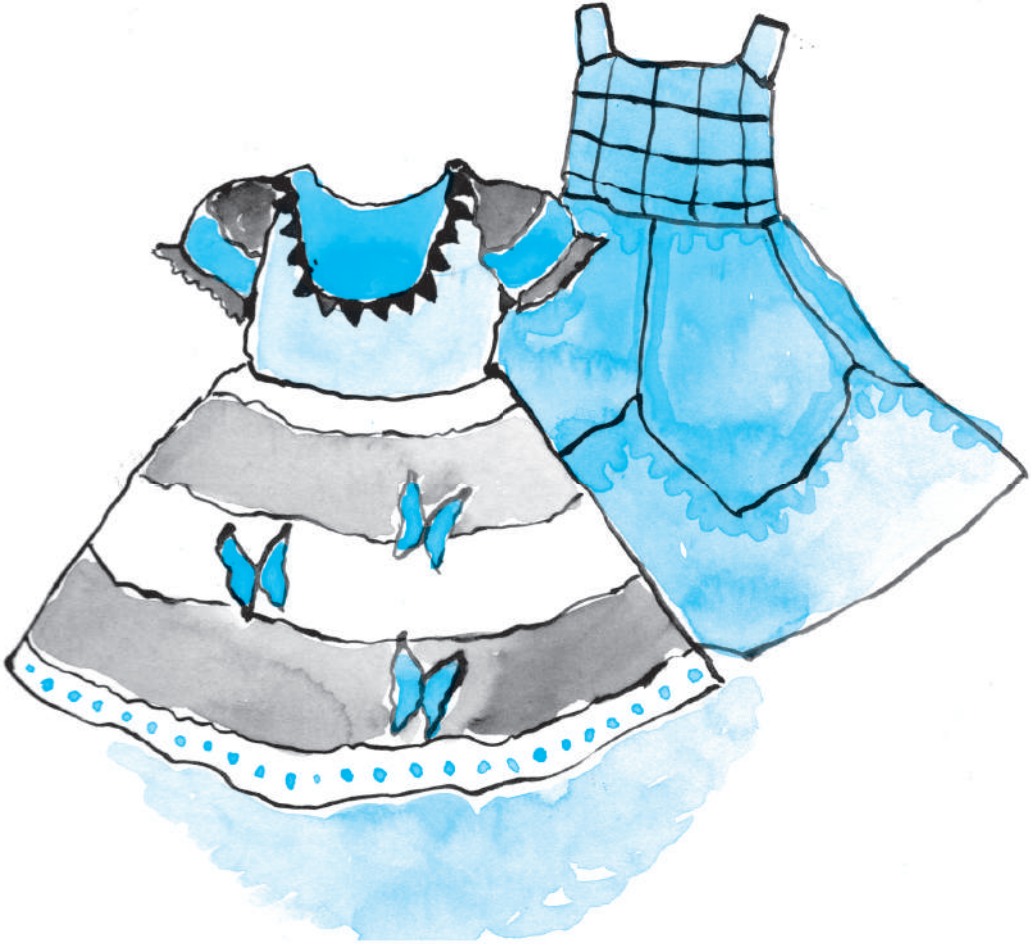
No dia seguinte, não a viu entrar na escola. Foi até a sala dela, que encontrou vazia.

— Hoje é dia de aula de campo. Orós, para ver o açude sangrando. Voltam antes do meio-dia – disse Seu Bonfim, diretor da escola, já levando Pedro para a sala de aula.

Agonia crescente, esperou até o final da aula e correu para o portão de entrada. Esperou o ônibus chegar. Nada dela descer.

— Ela estava dormindo, Pedro. Desce já. Calor demais – disse o professor.

Ela o viu espichar a cabeça para dentro do ônibus. Ela ainda na cadeira, calçando os tênis. Ele em agonia crescente, já bem meio-dia, aquele calor de novembro, o coração quase saindo pela boca.



07.

PAPEL DE SEDA

Esta história que eu vou contar aconteceu no ano em que a Carmen Cecília, nossa professora de português, fez com papel de seda e papel crepom todas as roupas da nossa quadrilha junina. Eu sei que você vai duvidar de 24 pares dançando uma quadrilha inteira vestidos com roupa de papel. Mas foi. E não se falava em outra coisa na escola. Bom foi ouvir dona Mazé das Quadrilhas⁹, que mora no bairro da Cigana, dizer:

— Só acredito, porque eu estou vendo. Tenho mais de trinta anos de quadrilha e nunca me passou pela cabeça fazer os trajes de papel.

Aquele ano está todo colado no meu caderno, o primeiro de sete matérias, o primeiro sem chamar a professora de tia.

Encontrar a Carmen no primeiro dia do ano em que eu ia começar a escrever com caneta foi como tomar um copo d'água bem gelado quando a gente chega em casa, vindo da rua debaixo do sol. Antes do recreio, ela já sabia decorado o nome de todo mundo da classe. E disse o título do primeiro livro que a gente ia ler: “Instruções para beijar”¹⁰. Nunca vou esquecer. Quem esqueceria?

— Quando eu tinha a idade de vocês, eu gostava de duas coisas. Uma era ler, coisa que eu fazia muito desde criança. A outra era namorar, o que eu mais queria fazer – disse a professora.

Eu sei que você não está acreditando. Se para quem estava na sala de aula, ouvindo, era difícil acreditar, imagine para você. A professora dizia isso como se estivesse dizendo o nome dos rios da Amazônia em uma aula de geografia. Ou fazendo a chamada. Ela dizia nossos nomes como se fosse a maior alegria dela estar ali com a gente.

— O livro da Tércia Montenegro vai ser o primeiro com personagens da idade de vocês ou um pouco mais velhos. A Laura, do “Instruções para

beijar”, tem 15 anos. Nós vamos ler também livros com crianças, como a gente foi; com personagens da minha idade, mais velhos, como um dia vocês serão; com personagens velhinhos que a gente não sabe mais nem a idade deles. Tem livro que foi escrito, recentemente, como o da Tércia, e tem livro que foi escrito há mais de cem anos.

— E o papel dura mais de 100 anos, professora?
– o William perguntou.

— Dura mais, William. Tem livro feito há mais de 400 anos.

A professora já havia conquistado a classe, mas agora a turma toda estava de boca aberta. E foi assim que fomos para o recreio

Logo depois do carnaval, a professora sugeriu organizar uma quadrilha junina da nossa turma. Foi ideia dela também, mais à frente, convidar dona Mazé para conversar na escola e, mais tarde, ensaiar com a gente. A professora só demorou para avisar que a gente ia dançar com roupa de papel.

— E isso dá certo? – o William perguntou.

— Bora experimentar? – respondeu a professora.

E começamos na hora. A professora convidou o Romeu para fazer os cálculos no quadro para saber quanto de papel ia ser necessário. Ele era muito calado, a família veio um ano antes do Piauí e matemática era o único lugar em que ele se sentia bem. Era a praia do Romeu. Fizemos uma rifa para arrecadar o dinheiro. Romeu ajudando com os cálculos e ensinando matemática para a turma sem a gente notar. Do final de abril até o dia 24 de junho, era difícil pensar em outra coisa. Tia Carmen ia trazendo a gente de volta. Se ela conseguia ligar a quadrilha com matemática, imagine o que não viria pela frente.

Até hoje lembro da Carmen lendo o poema “Quadrilha”¹¹ pela primeira vez na sala. Lemos outras vezes, tantas, que a gente decorou e sabia dizer para fazer rir e chorar, variando no drama, puxando para a palhaçada, e tendo conversas muito sérias. Como no dia em que o Romeu saiu do mundo em que ele vivia e disse que o pai dele havia tido o mesmo destino do Joaquim da “Quadrilha”. O avô dele também. Depois do silêncio que durou mais do que o tempo que Romeu levou para falar pela primeira vez

sobre aquilo, ele só parou de contar quando tocou a hora do recreio. Mas ninguém arredou o pé da sala. A professora foi até a carteira do Romeu e disse:

— Eu sinto muito.

— Já faz tanto tempo – disse o Romeu.

— Eu sinto muito, Romeu – ela repetiu.

Ele começou a chorar e disse que ia ao banheiro. A professora disse que poderia continuar a conversa na aula seguinte, se o Romeu e a turma quisesse. Ela achava importante que fosse uma decisão de todos. Passei a olhar o Romeu de outro modo e pensar que todo mundo ali talvez tivesse suas razões para ser do jeito que era. Comecei a voltar para casa com o William. O Romeu ia sempre com ele. Até aquele dia, era a única pessoa da sala com quem o Romeu conversava. Quer dizer, a gente achava que eles conversavam. William disse que não. Gostava de voltar com o Romeu, porque ele, William, falava tanto na sala, que ter alguém calado depois da aula dava um descanso.

Uma semana depois, o William me disse:



— O Romeu está apaixonado por você, mas ele nunca vai ter coragem de dizer nem para ele. Morre de vergonha, porque é gordo.

No dia em que o William não foi para o ensaio da quadrilha, chamei o Romeu para ser meu par.

— Você sabe dançar com gordo? – ele perguntou.

— Bora tentar? Lembrei na hora da professora Carmen falando no dia em que apresentou a ideia dos figurinos de papel.

Ensaíamos muito os três, William, Romeu e eu, fora da escola. Só entre nós era mais fácil. No dia da apresentação, parecia mágica quando a gente começou a dançar. Meu par era o William, mas na hora do trancelim, dona Mazé de marcadora, gritando a quadrilha, houve um erro que ninguém de fora percebeu e quando eu me dei conta estava segurando na mão do Romeu, ele de batina. Era o padre do casamento. Seguimos dançando como par até o Caminho da Roça, quando houve outro erro. Vimos a Carmen de fora morrendo de rir e levamos tudo na brincadeira. Com flores de papel no cabelo, a professora vestia uma camiseta branca

com um trecho do poema “Quadrilha” pintado à mão na parte da frente:

João amava Teresa que amava Raimundo que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili que não amava ninguém.

Não sei como Romeu voltou de novo a ser meu par. Só sei que quando dona Mazé disse “Olha a chuva”, um gaiato gritou da plateia:

— Corra, negrada, que a roupa é de papel.

Aquele ano está todo colado no caderno. Levanto a ponta do papel de seda azul em uma folha e vejo que escrevi trechos da música junina que meu pai mais gosta:

*Foi numa noite igual a essa que tu me destes o coração. O céu estava assim em festa, pois era noite de São João.*¹²

E encontro outro trecho debaixo de um pedaço de papel crepom laranja:

*E no terreiro, o teu olhar, que incendiou meu coração.*¹³

Vou passando as páginas e encontro a foto da

Carmen, de costas, falando com o Romeu, ele ainda com o figurino de padre. Na foto, não dá para ler o que está escrito na camiseta branca da professora, mas, como eu falei, quase todo mundo decorou o poema do Carlos Drummond de Andrade:

João foi para os Estados Unidos,

Teresa para o convento.

*Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para
tia, Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fer-
nandes, que não tinha entrado na história.*



NOTAS

1 - Canindé tem a segunda maior romaria de São Francisco. A primeira é a de Assis, na Itália, onde ele nasceu em 1182 e viveu até 1226. A viagem ao Canindé é também, para muitos devotos, a do primeiro encontro com o mar, em Fortaleza.

2 - Dia de Reis: na tradição cristã, festas e folguedos do ciclo natalino culminam com o Dia de Reis, 6 de janeiro, alusivo à visita dos três reis magos ao Menino Jesus. No Cariri, brincantes festejam nas ruas. O Ceará tem sofisticados saberes moldados em uma larga experiência de tempo e reverenciados nos mestres e mestras citados no texto, com dados do Livro dos Mestres*

- Mestre Tico (Francisco Felipe Marques, Juazeiro do Norte, 1922), reisado.

- Mestre Aldenir (José Aldenir Aguiar, Crato, 1933), reisado.

- Mestre Zé Matias (José Matias da Silva, Crato, 1925 – Caririáçu, 2016), reisado.

- Mestra Margarida (Maria Margarida da Conceição, Alagoas, 1935), guerreiro.

*Livro dos Mestres - Organizado por Dora Freitas e Silvia Furta-
do, o “Livro dos Mestres – O legado dos mestres. Cultura e Tra-
dição popular no Ceará” é uma publicação da Fundação Walde-
mar Alcântara, (Fortaleza, 2017). Fotografia do documentarista
Jarbas Oliveira.

3 -Escondido e Cafundó passaram a ter energia elétrica em 2011.

4- Perto de muita água tudo é feliz. Guimarães Rosa (Cordisbur-
go, Minas Gerais, 1908 – Rio de Janeiro, 1967) citado por Maria
Bethania no CD “Pirata”, 2006.

5 - Vidas Secas, Graciliano Ramos (Quebrângulo, Alagoas, 1892 – Rio de Janeiro, 1953). Publicado pela primeira vez em 1938.

6 - Festa das almas: a alegria dos vivos - Uma síntese histórica da festa de finados em Ocara, Ceará, Auricélia Alves, que nasceu e vive em Ocara. Publicado pela Expressão Gráfica e Editora, Fortaleza, 2015.

7 - O Rio Angelim passava em Uruburetama. Não existe mais.

8 - A Morte e a morte de Quincas Berro D'Água, Jorge Amado (Itabuna, Bahia, 1912 – Salvador, 2001). Publicado pela primeira vez em 1961.

9 - Mestra Dona Mazé das Quadrilhas (Maria José Costa Carvalho, Caucaia, 1939) nasceu e vive no bairro da Cigana, em Caucaia..

10 - Instruções para beijar, livro da Tércia Montenegro, que nasceu e vive em Fortaleza. Publicado pela primeira vez em 2010 pela editora Sete Letras.

11 - Quadrilha, poema de Carlos Drummond de Andrade (Itabira, Minas Gerais, 1902 - Rio de Janeiro, 1987), parte do seu primeiro livro, “Alguma Poesia”, publicado em 1930.

12 - 4 Olha pro céu: canção de Luiz Gonzaga (Exu, Pernambuco – 1912 – Recife, 1989) e José Fernandes (Maceió, Alagoas, 1911 - Rio de Janeiro, RJ. 1983).

13- Idem



Izabel Rosa Gurgel

Izabel Rosa Gurgel é de Uruburetama, onde aprendeu a ler. Tem a leitura como um modo de existência. Vive em Fortaleza. Estudou Jornalismo na UFC. Trabalha em conexão com o campo artístico. Dirigiu o Theatro José de Alencar entre 2007 e 2014. “A primeira vez - sete histórias de amor e morte” é seu primeiro texto literário.

Contatos: *@izabelrosagurgel*
izabelrosagurgel@gmail.com



Raísa Christina

Raísa Christina é artista visual e escritora, nascida em Quixadá - CE. Graduiu-se em Artes Visuais pelo IFCE e é mestre em Artes pela UFC, onde realizou pesquisa dedicada a poéticas no desenho e na criação de mapas de jovens skatistas e seus percursos errantes em Fortaleza. É autora do livro “Mensagens enviadas enquanto você estava desconectado”, publicado pela Editora Substância em 2014. Integra a Antologia de Contos Literatura Br, publicada pela Editora Moinhos em 2016, e a revista Para Mamíferos N° 4, 2017. Colaborou com revistas como Subversa e Garupa, dentre outras. Acredita na arte e na educação.

Mantém a página: <http://corposonoro.tumblr.com/>.